

**KLAXON**

**mensario  
de arte  
moderno**

**S O P U G O**

**N  
110**

**ESP**

# **klaxon**

MENSARIO DE ARTE MODERNA

**REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:**

S. PAULO — Rua Direita, 33 - Sala 5

**ASSIGNATURAS — Anno 12\$000**

Numero avulso — 1\$000

**REPRESENTAÇÃO:**

RIO DE JANEIRO — Sergio Buarque de Hollanda  
(Rua S. Salvador, 72 A.)

FRANÇA — J. Charles Baudouin (Paris).

SUISSA — Albert Ciana (Genebra Rampe de la Treille, 3).

BÉLGICA — Roger Avermaete (Antuerpia —  
Avenue d'Amérique, n. 160)

A Redacção não se responsabiliza pelas ideias de seus colaboradores. Todos os artigos devem ser assignados por extenso ou pelas iniciaes. E' permitido o pseudonymo, uma vez que fique registrada a identidade do autor, na redacção. Não se devolvem manuscritos.

## **SUMMARIO**

A ESTRELLA de ABSYNTHO	<b>Oswaldo de Andrade</b>
POEMA . . . . .	<b>Mario de Andrade</b>
CREPUSCULO . . . . .	<b>Luiz Aranha</b>
CINEMA DE ARRABALDE	<b>Ribeiro Couto</b>
SO DI UN TRENO	<b>Claudius Caligaris</b>
SALVAR . . . . .	<b>Carlos A. de Araujo</b>
PAYSAGE	<b>Joseph Billiet</b>
RÊVERIE	<b>Serge Milliet</b>
ARS LONGA . . . . .	<b>Guilherme de Almeida</b>
XADREZ . . . . .	<b>A. C. Couto de Barros</b>
CARNAVAL . . . . .	<b>Pedro R. de Almeida</b>
<b>CHRONICAS :</b>	
MUSICA . . . . .	<b>Mario de Andrade</b>
LIVROS & REVISTAS	
CINEMA	<b>G. de N.</b>
LUZES & REFRACÇÕES	
EXTRA-TEXTO	<b>Yan</b>

# A Estrella de Absyntho



(FRAGMENTO)

O cadaver nú, de cabellos atados numa toalha, foi levado cautelosamente até a parede do imaginario atelier.

Elle apanhára-lhe o dorso, despencado em ligeira curva. O velho felino, barbudo e de bocca furada que conduzia de costas o cortejo, tomando-a pelas axillas, era Rodin. E o grande diabo osudo, Mestrovic, recém-chegado da Servia, o que levava as pernas geladas para sempre.

Depuzeram-na no estrado de páu, inerte e dura, murcho o ventre acima do triangulo negro e symbolico. Depois, começaram a crucifixão.

Para lá, na vastidão respeitosa da sala, havia grandes estatuas, atadas aos punhos para

traz, com retorcimentos fixos, todas recobertas como imagens em Semana Santa.

E havia amphoras e flores.

Iam crucifica-la na parede nua e branca. Rodin, levantando-a pelos inuteis seios, dava ordens impassiveis. Mestrovic batia já o seu longo prego. E apenas o braço que lhe haviam entregue a elle, endurecera e resistia, empurrando-o para longe.

Rodin esperava. Mestrovic tinha a cabeça de furia em ataque do Sergio monumental de Kossovo.

Era preciso dominar a consciante resistencia do braço. Aos repelões o membro em angulo cedeu, acceitou a linha recta da

**k l a x o n**

cruz, num crac-crac de ossos internos.

Elle tomou o martello e o prego longo, bateu a primeira pancada inutil na palma cartilaginosa. E Rodin dizia que era preciso haver martyres para haver arte.

Mestrovic atravessára victoriosamente a mão que segurava. Rodin baixára-se a perfurar os dois pés na mesma agulha de ferro.

Elle então bateu. E houve um tinir repetido de aços, apagado pela repulsa de borracha dos membros anquilosados e murchos.

Salpicaram gottas glaciaes como remorsos nos braços nús dos crucificadores.

E a cabeça de frango virou, o corpo suspenso desceu num peso bruto, alargando as chagas nos pregos e pondo em relevo estrias de musculos, de nervos, de costellas.

Então abriu-se a porta e um esplendido ephebo nú, coroadado de myrrha, appareceu e gritou como um arauto de consciencias heroicas:

— Sangue frio.

Ella permanecia toda estylisa-

da na parede que ficára como uma cruz de mil braços.

E Jorge de Alvellos viu que era o cadaver de Alma que tinha crucificado para estudar anatomia... Ella despregou as grandes postas rachadas, viva, soluçante, para elle!

O esculptor abriu os olhos na escuridão de seu quarto. E percebeu a madrugada neutra, num silencio de vidas estranhas.

Onde estava? Escorregára-lhe dos braços afflictos. Onde estava? Levantou-se de um salto. Ella fugira...

Atirou-se para a porta: permanecia fechada na noite. Voltou, bateu os angulos desertos, foi ao leito. Pareceu-lhe vel-a ainda. Levantou os lençóes, o colchão: não estava.

Estava longe. Onde? Na enfermaria? Não. Mais longe. No necroterio? Não. Mais longe. Na cóva.

Jorge d'Avellos sentou-se. Viu descer, descer, no escuro, num desequilibrio, sobre os hombros que tinha aconchegados, um mundo apagado de formas.

E ficou alli, numa concentração musciosa de cariatide.

Oswald de Andrade.

**k l a x o n**

# 3

## Poema

**m**

eu gôso profundo ante a manhã Sol  
a vida carnaval!  
Amigos  
Amores  
Risadas

E as crianças emigrantes me rodeiam, pedindo  
retratinhos de artistas de cinema, dêsses que  
vêm nos maços de cigarros...  
Sinto-me a "Assunção" de Murilo!  
Libertei-me da dor...

Mas todo vibro da alegria de viver!

Eis porquê minha alma inda é impura.

MARIO DE ANDRADE.

## Crepusculo

**p**

pantheon de cimento armado

A luz tomba

Refluxo de cores

Mel e ambar

Ha lyras de Orpheu em todos os automoveis

Rezes das nuvens em tropel

Céu matadouros da Continental

Todas as mulheres são translucidas

Ando

Musculos elasticos

Andar com a força de todos os automoveis

Com a força de todas as usinas

Com a força de todas as associações commerciaes e in-  
dustriaes

Com a força de todos os bancos

Com a força de todas as empresas agricolas e as explora-  
ções de linhas ferreas

**k l a x o n**

# 4

**Os capitaes amontoados em pilhas electricas  
Forças presidenciaes e forças diplomaticas  
A força do horizonte vulcanico  
As forças violentas as forças tumultuosas de Verhaeren  
Sou um trem  
Um navio  
Um aeroplano  
Sou a força centrifuga e centripeda  
Todas as forças da terra  
Todas as distenções e todas as liberdades  
Sinto a vida cantar em mim uma alvorada de metal  
O meu corpo é um clarim  
Muita luz  
Muito ouro  
Muito rubro  
Meu sangue  
Eu sou a tinta que colore a tarde!**

**LUIS ARANHA.**

## **Cinema de Arrabalde**

*Ao sr. presidente da Academia de Letras*

**a** este modesto cinema de arrabalde  
vêm familias burguezas, todas  
as noites, com os chefes pezados  
á frente do bando. Trazem me-  
ninos de collo que choramingam.  
E ficam attentas, derramadas  
nas cadeiras, vendo as tramas da tela, per-  
seguições e turbulencias,  
vivendo angustiosamente a illusão da-  
quellas vidas.

\* \* \*

A este modesto cinema de arrabalde  
vêm as familias burguezas da visinhança,  
todas as noites,  
para ver costumes, para ver terras, para  
ver povos,  
para ver esse mundo distante, vago, tele-  
graphico,  
que fica além dos navios de passagens  
carissimas

\* \* \*

A este modesto cinema de anabalde, todas  
as noites,

vem o sr. sub-director da 3.a Repartição  
de Aguas, com a senhora e os cinco filhos,  
e outras familias vagarosas da visinhança

\* \* \*

A sala sempre cheia é estreita e comprida  
Na frente fica uma criançada barulhenta  
que applaude.

Atraz, perdidos pela penumbra dos can-  
tos,  
disfaçam-se pares de namorados cochi-  
chantes.

\* \* \*

E pelas largas portas lateraes vê-se a rua  
onde passam a cada momento os bondes  
illuminados,

levando familias enormes em que ha mo-  
cinhas vestidas com um orgulhoso mau  
gosto,

familias que só frequentam os cinemata-  
graphos do centro da cidade

e se presumem a aristocracia do arra-  
balde.

**RIBEIRO COUTO**

*“Um Homem na Multidão”*

**k l a x o n**

# 5

## So di un treno

A EUGENIO TREVES.

**i**o so di un treno,  
corre su rotaie infinite in mezzo ad  
un buio infinito.  
Dietro ha una lampada grande che  
illumina il mondo.  
Fuochisti: due titani. Braccia ferrigne, torso  
rosso; sudati. Instancabili!  
Nel treno pochi passeggeri.  
Ansiosi. Spiano le tenebre. La meta?  
No. Illusione. Ritorno a sedere. Ansiosi.  
Un vecchio:  
— lo muoio. Guardate lá nella mia valigia.  
Ci son perle tolte dagli abissi del mare.  
Prendete.  
Un giovane frontealta:  
— No.  
— Prendete. Hanno luccicori straordinari.  
Hanno aggiunto un raggio alla lampada  
del mondo.  
Un gruppo di giovani.  
— Sono arruginite. Le nostre splendono.  
Sono soli.  
— Ho buttato tanto carbone nella macchina--  
— Piu' di te, meglio di te.  
— Prendete.  
— No.  
La vita gli sfugge. Saggrappa ad un  
cordone dello sportello. Si rompe.  
Il vecchio cade.  
— Alleggerire il treno. Piu' leggiero,  
andrà piu' forte.  
Un colpo solo. Uomo e valigia.  
Io so di un treno che corre.

Claudius Caligaris.

**k l a x o n**

# 6

## SALVAR

**m**ais um desejo, amigo!  
E' preciso soltar,  
pelas florestas frias e adormecidas,  
todos os nossos desejos timidos,  
procurando mesmo assombral-os,  
para que fujam, para que corram  
e se desviem por todos os lados...

Mais um desejo!  
E' preciso que a pallida vida,  
nos seus longos passeios desoladores,  
encontre sempre um desejo perdido  
que ella saiba salvar...

CARLOS ALBERTO DE ARAUJO.

## PAYSAGE

**U**ne terre peu vêtue,  
qui ondule lentement,  
tourne un visage embrasé  
vers le soleil pâle.

La campagne au bord du ciel  
se rétracte sans un geste  
et ne touche plus au ciel  
qu'avec des doigts sans désir.

La route osseuse se plie.  
Un arbre au bord du chemin  
palpe le ciel gris e froid  
avec une feuille unique.

D'autres arbres au lointain,  
des deux côtés de la terre,  
encadrent, fixes et noirs,  
deux belles joues, couleur de feuilles.

**k l a x o n**





Comme on voit, passant sur la route,  
derrière les vitres mates,  
entre des mains en ocellères,  
un visage qui regarde,

un beau visage animé  
deux yeux ouverts d'où ruisselle,  
sans un regard pour le ciel,  
toute la chaleur du coeur.

JOSEPH BILLIET.

## REVERIE

**n**e plus sentir penser ses yeux caméléons...  
Mais tant de pitié me fait mal

Caméléons  
Aventurines  
Couleur de mer

et traîtres  
Mais si doux

“J'AIME SES YEUX COULEUR D'AVENTURINE”

Quel beau sonnet je pourrais faire  
si je n'étais un “futuriste”  
Quatre par quatre les rimes  
et deux tercets  
et un salut “Trois Mousquetaires”  
Au cinéma les d'Artagnan sont ridicules

et j'aime mieux Hayakawa  
Ah! le siècle automobile  
aéroplane  
75  
Rapidité surtout RAPIDITE'

Mais moi je suis si ROMANTIQUE  
Ses yeux  
ses yeux  
ses yeux caméléons...

C'est bien le meilleur adjectif

Serge MILLIET

**k l a x o n**

# S

# Ars Longa...

**a** arte é anterior á vida.  
Isto e uma convicção minha, perfeitamente serena. Eu não tenho escripto os meus versos á margem da minha vida: eu tenho escripto a minha vida á margem dos meus versos. Minha existencia é um plagio da minha arte.

A vida de todos os artistas tem sido um commentario á sua arte. Um commentario explicativo. E isso pela razão muito simples de que um grande, verdadeiro artista colloca a sua arte acima da sua vida. Elle não vive um caso para exploral-o depois: elle faz arte primeiro, arte que elle inconscientemente vae viver mais tarde. Si para um homem qualquer o simples contacto com uma obra de arte é uma tentação irresistivel de imital-a na vida, o que não será para o seu proprio autor?

\*\*\*

Assim, a arte é uma prophecia. Um lindo vaticinio.

Realiza-se ou não? — Só os artistas o sabem, mas bem intimamente.

\*\*\*

Quando se affirma uma cousa qualquer é preciso concluir qualquer cousa. Do que affirmei concluo isto: estou absolutamente revoltado contra esse preconceito geral de que só a obra de um artista pertence ao publico; a sua vida, não.

Mentira. A sua vida pertence tambem ao povo. O povo tem o direito de devassal-a á vontade.

Que nenhum artista grite contra isto! Eu pensaria que elle se envergonha da sua vida, isto é, do resultado da sua arte.

Desde que um homem dá publicidade á sua arte, despe-se em publico de certos direitos. E' o que se entende por "cahir no dominio publico». Prostitue-se. Vende-se. A

bôa gente que compra um livro, que compra um quadro, que compra uma estatua, compra tambem um pouco a alma do seu autor. Não é absolutamente negociavel uma alma separada do corpo. A arte é a alma; a vida é o corpo. Um homem que paga uma mulher paga um só instante da sua alma, com direito, evidentemente, a todos os segredos do seu corpo.

E' preciso não se ter vergonha do corpo, si não se teve vergonha da alma. Todos os corpos parecem-se com as almas.

Pudor? — Mas o pudor é a virtude dos imperfeitos.

\*\*\*

Não ha nada de inconfessavel atraz de uma grande arte.

\*\*\*

Um artista é mais ou menos um Doutor Fausto. Vende a um genio máo a sua alma, para ter perfeições moças para o seu corpo.

Questão de conforto: uma obra de arte vendida produz geralmente uma chevióte bem cortada num corpo tractado, um cigarro agradável num pedaço de ambar fino e um perfume de grande estylo num linho puro.

Isto parece querer insinuar que o publico é uma especie de Mefistófeles. Eis um elogio extraordinario que elle nunca teve.

\*\*\*

Que bem pouca importancia tem para o artista a obra de arte concluida! E' porisso mesmo que elle a vende.

O artista é artista apenas emquanto crêa: tira do nada, è igual a Deus. Para elle, a obra de arte tem um valor ephemero, que vae do momento da concepção ao momento da conclusão. Depois... ella fica sendo uma pobre cousa desgraçada, bem morta e bem imprestavel, na sua vida. Só representa uma utilidade toda sentimental: a de

# k l a x o n





recordar aquelle instante divino e feliz da procreação.

\*\*\*

Todo artista dá sempre á luz um filho morto. E entrega-o bem simplesmente á terra deste mundo.

Elle precisa chorar sósinho, maternalmente. Elle dispensa as consolações impossiveis das comadres serviçaes da visinhança, que vêm clamar assim:

— «O menino é tão lindo! Elle poderia ser um bailarino russo!»

— «O menino é tão feio! Elle poderia ficar corcunda!»

Não. Elle não é nem poderia ser: elle foi. Eis tudo.

Ah! os criticos!

*Guilherme de Almeida*

Neste domingo, 1.º de Outubro, 1922.

# Xadrez

**O**s poetas comparam as illusões ás nuvens. Depois dizem de uma alma illudida que é feliz, que traz o céo comsigo... Analogia enganosa. Basta que se considere que aquella alma vive, para acreditarmos logo que é, de algum modo, desgraçada. As illusões não nos impedem de viver; ao contrario, a custa dellas é que vivemos. Ingenuidade suppôr que uma nuvem possa formar o céo. Nem uma, nem duas, nem todas as nuvens...

\*\*\*

O artista quer comunicar aos outros a sua commoção. Quer imprimir a sua imagem momentanea ao maior numero possivel de seres, e, assim fazendo, multiplica-se. O artista é o multiplicador de si proprio. E' o instincto de conservação que nelle age de maneira nova, differente. Arte-anthropocentrismo. O artista é a realização maxima, requintada, dessa tendencia commum do espirito humano, em virtude da qual se procura unidade entre o objectivo e o subjectivo; entre o subjectivismo proprio e o alheio. A falta de unidade, de identidade redundando em desgosto e soffrimento. O artista soffre, quando não consegue, pela sua magia, modelar os homens á sua semelhança. Como a criança, elle chama os outros para verem a estrella que brilha, o passaro que vóa, o cortejo que passa... A gente se torna differente quando viu, sentiu ou imaginou cou-

sas que outros não viram, não sentiram, não imaginaram... Por isso é que se força o proximo a vêr o que vimos, a sentir o que sentimos, a fim de que o proximo se torne um pouco de nós mesmos... Porque ser differente é soffrer; é não multiplicar-se; é morrer pouco a pouco..

\*\*\*

A alegria de uma criança, o riso de uma mulher fazem tremer nas estantes sabias os sombrios volumes de Schopenhauer...

\*\*\*

A nossa dor é sempre normal. E' a pinta negra que se alterna com a branca, sobre o grande fundo verde do tecido da vida... Ella é da propria essencia do tecido, parte integrante d'elle; nunca uma nódoa. O tempo, que tudo desbota, transforma, ás vezes, as pintas negras em brancas. Felizmente, essa redução chromatica não é extensiva senão ás pintas escuras: o fundo verde permanece inviolavel como o proprio misterio da vida..

\*\*\*

Os gregos faziam com as suas verdades o mesmo que com as suas taças de vinho: coroavam-nas de rosas. Assim, ninguém se assustava com ellas. E a especulação philosophica tomava o aspecto de uma orgia silenciosa e embriagadora...

\*\*\*

A musa de certos poetas dá-me a impressão da moça que põe papelotes para ondular

**k l a x o n**

os cabellos, estylisal-os. Mas o que me inquieta é que ella nunca tira os papelotes...

\*\*\*

Si soubessemos normalizar os «valores» que nós inconscientemente exageramos, ou que nos foram impostos já exagerados, a nossa vida mudaria de aspecto, seria mais tranquilla. Poucos têm esse sentido norma-

lizador. Em geral, todos tomam a sombra de um objecto como exacta medida d'elle.

\*\*\*

A vida é como um taboleiro de xadrez, em que os quadrados brancos se alternam com os pretos: seria verdadeiramente fastidioso, senão impossivel jogar-se em taboleiro de uma côr só...

*A. C. Couto de Barros.*

## Carnaval

**i**ria primeiramente ao Appollo. Caminhou por instincto, e, dirigindo-se certo, entrou na Rua Onze de Junho. Em frente ao theatro, accumulava-se muita gente. No empurra-empurra, da bilheteria, encontraram-se gorros bicudos de palhaços, côcos de caricatura, chapéos de palha, panamás, plumas brancas de “travesti” de corte antiga. A’ entrada, no passador acanhado em que a multidão se esmagava, radiosa e feliz, o verde triste, empoeirado e escuro dos pinheiros allemães, em meias-barricas pintadas, contrastava com o colorido intenso, atrevido e carnavalesco das flores de papel, encarnadas, verdes, amarellas, enlaçadas a fios de arame, cruzando-se, fazendo festões de apparatus, para ornamento e pompa das paredes em festa. A fila passava, lenta e ruidosa, emquanto os porteiros agitavam os braços e esganiçavam a voz. E, no meio della, contrafeito e calado,

Clemente passou. Quando encontrou um pedaço de vacuo, párou e tomou folego: tinha entrado. A primeira cousa que o feriu foi um rapaz alto, de casaca, com sapatos polidos e meias muito transparentes, o chapéo de pello complicado de reflexos; o peito branco da camisa brilhava tambem. Entalava ao olho esquerdo um monoculo que parecia definitivo e eterno naquelle olho. Sobre o beijo superior, em leve proeminencia, um filete de bigóde a tinta preta, um fio apenas, quasi imperceptivel na espessura, e longo como um bigóde de chim; nas maçãs do rosto liso, um pouco de “rouge” — e nada mais. Ria, fazia pilheiras, dizia graçolas a todo mundo, executava piruetas e curvaturas; simiesco e irrequieto, distribuia galanteios ás damas e ensaiava, maneiroso, passos de valsa e “poses” de tango. Parecia feliz, parecia á vontade, como que sentindo melhor affirmada, sob o pseudo disfarce, a

**k l a x o n**

# II

própria personalidade. Clemente espantou-se: um homem que não tinha medo de ser conhecido! De certo a mulher não lhe era infiel; elle, de certo, não sahira para matar. E, interessado, attonito, achando-o engraçado e absurdo, poz-se a olhal-o com uma curiosidade ingenua de menino. O rapaz deu uma gargalhada, mostrou-lhe a ponta da lingua e gritou-lhe, esfusiante:

— Nunca viu, bôbo alegre! ?

Clemente, mudo, fez, sem saber porque, dous passos para deante. “Bôbo alegre...” Na sua cabeça atordoada passou toda a synonymia da palavra: bôbo, tolo, ingenuo, simplorio, patéta, idiota... E que era elle de facto sinão, isso, elle, ludibriado assim sob o seu proprio tecto? E quem o visse phantasiado havia de julgá-lo alegre. E uma porção de raciocinios, confusos, atrapalhados, paradoxaes, obsedantes sobre esse pobre thema borboteando no seu cerebro cançado: iam e vinham, surgiam e apagavam-se, renasciam e tornavam a morrer, emquanto elle, vagaroso, deslocava para a frente a exaurida carcassa. E, quando entrou no salão movimentado do theatro, sob punhados de confetti e por entre o cipoal das serpentinhas, sentia, pensava e agia experimentando, bem funda, bem amarga, bem cortante, toda a infinita tristeza de ser bôbo.

A banda grande executava. Os

metaes, de boccas escancaradas, faziam, tocados da febre ambiente, uma luxuria sonóra, larga, halucinada, que se intensificava, tornava-se estuante e condensada, na represa abafadiça das paredes e do tecto. E parecia que era o maxixe que sacudia as fitas pendentes e equilibrava no espaço a papelada minuscula, recortada e esvoaçante; que agitava os tricornios, fazia mover os dominós, desegonçava os Arlequins, dava relevo ás marquezas empoadas, punha tremuras nos tufos de renda, intensidade nos perfumes e vertigem nas cabeças. Nos corredores, nos camarotes, o povo hurrava frenetico; homens e mulheres, esfregando-se, no simulacro de uma lucta de morte, fazendo-se engulir mutuamente mãos cheias de confetti, cosinhando os olhos com esguichos de ether causticante, enrolando os pescoços em rodilhas de papel, viviam por um anno inteiro. Na platéa, o movimento canalha, sacudido, nevrotico, unia corpos a corpos, mixturava as animalidades, fundia as vontades com as chammas do sangue, egualava os desejos em grupos de carne; e a totalidade das cores, — das cores conhecidas, das cores combinadas, das cores sonhadas, — vestia com uma tunica só essa massa requebrada e una em que todos queriam intermesclar-se, confundir alma e musculos, co-

# k l a x o n

ração e banhas, espirito e pellos, para formar um mesmo corupio de delirio, uma mesma palpitacão de dynamismo animal, um unico e immenso novello de loucura.

A musica parou e uma tempestade de palmas ensurdeceu a sala; depois, o vozerio cresceu e reboou como o barulho de uma cachoeira.

Clemente, quebrado de tristeza, moido, ignorado e ridiculo, bôbo triste e só, não parava de perscrutar a assistencia, os pares, os que entravam, os que saham.

Tres pancadas fortes cortaram o theatro — e a banda bisou o maxixe.

Qual! Não estavam alli. As aberturas pequeninas da mascara operavam prodigios: eram como vidros de augmento, oculos de alcance — faziam crescer tudo e penneiravam a mascarada, á

procura dos Pierrots. Não estavam alli. Elle tinha andado, diluirase na multidão dos corredores, roçara nos que dançavam... Não estavam alli. E um odio vencido contra aquella gente toda o impelliu para a rua e, enquanto cortava o soalho coalhado de gente, deslumbrado pelo kaleidoscopio colossal da dança, em que lhe iam perdidos e arrastados, como num supplicio, olhos e ouvidos, sentindo cahirem os confetti na saraivada da cor, parecia-lhe que tudo gritava: os trombones e os clarinetes, os pannos revoltos e os braços levantados.

Um frescor o reanimou. Olhou para cima: o céu era uma pellucia negra de joalheiro coberta de pedras.

**Pedro Rodrigues de Almeida.**

Do livro "Carnaval", a apparecer brevemente.

# Chronicas:

## MUSICA

F. MIGNONE

**d**eve gosar férias em São Paulo o compositor Francisco Mignone que actualmente aperfeçoa seus estudos na Europa. Trouxe consigo uma opera: "O Contractador de Diamantes". Tive ensejo de ouvir alguns trechos dela na "Sociedade de Concertos Sinfonicos" e em audição particu-

lar ;e me é grato afirmar, como amigo e como artista, a boa impressão que senti.

Certamente seria o cúmulo da má vontade exigir dnm músico que apenas inicia sua carreira dotes de originalidade já francamente determinada, bem como especialização de modernismo em quem ainda é estudante e caminha sob as vistas dum professor. Existe porém nos trechos que ouvi aquella chama benéfica, reveladora dos bons artistas de amanhã. Mignone desde suas primeiras obras, ainda compostas aqui, revela uma acentuada predileção pela sinfonia. E essa predileção se acentua agora, tornando-se

# k l a x o n



sim que o que mais me prendeu nos trechos ouvidos foi a parte puramente sinfônica. Nos diálogos de amor, nos monólogos de Felisberto Caldera, embora imperfeitamente ouvidos pela transposição ao piano, sem partitura que me guiasse, desconfio que o joven músico se deixou um pouco levar pela espontaneidade, pela facilidade melódica que possui e que em todos os tempos foi a glória e a infelicidade da escola italiana. Gloria em Monteverdi, Scarlatti, Rossini, Verdi e tantos outros. Mas infelicidade porque foi uma das razões da decadência da escola napolitana, decadência essa que perdura, entre mil mudanças, apesar das investidas de Verdi, dos sinfonistas do fim do seculo passado, e dos modernos, com Pizzetti e Malpiero á frente. Julguei descobrir, mal encoberto, na obra vocal de Mignone o lirismo facil e bastante vulgar dalguns compositores veristas. Satisfiz-me porém e entusiasmou-me o quadro sinfônico das dansas do 2.º acto. Essas dansas tão caracteristicamente brasileiras, pelo ritmo enervante, pela melodia melosa e sensual são uma tela forte, viva ao mesmo tempo que equilibrada. E' extraordinário como Mignone está firme ao traçar essa página trépida, envolvente, entusiástica e brutal. Desaparece inteiramente a eloquência enfática dos trechos dramáticos: é eloquência vida, é sumo de fruta nacional e sensualidade de negros escravos. E' admirável. Quem ainda tão moço e estudante ainda pinta sinfonicamente um ambiente com a firmeza com que F. Mignone pintou essa parte do seu "Contractador" será sem dúvida, quando encontrar inteiramente sua personalidade, coisa que só se completa com os anos, um músico possante e feliz. Digo feliz, porque sinto uma tristeza universal pelos milhares de compositores musicais que escrevem sons sem nunca poderem traduzir num acorde ou numa melodia uma parcela minima de beleza e ideal. Mignone será feliz.

Mario de Andrade

## LIVROS & REVISTAS

"Os Condemnados". — Oswald de Andrade, edição Monteiro Lobato.

**a**contece com "Os Condemnados" o inverso do que acontece com as pinturas impressionistas. Nestas é necessario a distancia, para ver claro e bem, para se poder comprehender a sua geometria e o seu colorido, que directamente estão relacionados com o espaço entre espectador e objecto contemplado. Ao contrario, no livro de Oswald de Andrade prescinde-se perfeitamente do espa-

ço; é preciso olhar de perto, muito de perto. O principal no romance, não tem importancia; o enredo. O que importa, então? Os detalhes. Ahi é que Oswald se revela prodigioso. Seu gesto de milagre faz surgir, como nos contos de fadas, — castellos, luzes, apotheoses, através dos quaes passam os seus personagens de caoutchouc, impermeaveis á alegria de viver, inchados de miseria e de fatalidade. Com espantosa economia de traços, Oswald arma um ambiente, articula seres, derrama vida vermelha sobre a realidade chlorotica, de gelatina...

O livro inaugura em nosso meio technica absolutamente nova, imprevisita, cinematographica. Ao leitor é deixado adivinhar o que o romancista não diz, ou não devia dizer.

O romancé conta a tragedia de seres activos, que querem agir, precisam agir, mas que estão presos, não por correntes, mas por elasticos, — força centrifuga que os faz desequilibrados, dando-nos a sensação physica de um esforço sempre contrariado. E os elasticos, ás vezes, pela propriedade que os caracteriza, os empurram além do limite que aquelles seres desejariam attingir. Dahi o suicidio do telegraphista. Dahi, a morbida paixão de Alma.

Oswald tambem sabe vibrar a nota humoristica. Ella caça o ridiculo das situações, no momento em que a rede das attitudes vae se desfazer. Assim, mais propriamente, pode-se dizer que Oswald não caça o comico da vida: o comico da vida é que se entrega a Oswald, no momento em que pode escapar, sem que ninguém perceba...

O animatographo d'"Os Condemnados" não apresenta a tragedia de seres reflexivos, preocupados com problemas metaphysicos mais ou menos insolúveis. Os sonhos, as anclas dos condemnados são humíldes, instinctivos. A alma desses seres é uma planicie irremediavelmente verde, onde os maiores accidentes são montinhos de cupins cinzentos, em que, de vez em quando, pousam corpos mornos e enigmaticos de corujas. E Oswald, com elles, conseguiu uma pequena obra de arte. Obra de arte?! Sim, apesar dos defeitos. Felizmente, o livro tem defeitos. Nunca soube de artista que fosse prudente, que não errasse. O que ha de divino nos artistas é justamente esse "élan" estouvado, esse eterno caminhar, que os impedem de parar e reflectir si o caminho que seguem é certo, bom, firme e valioso, como uma escriptura publica...

Entretanto, ha temperamentos, para os quaes o que importa é o defeito, a cinca, a contradicção. Esses homens são como os "touristes" que, ao se approximarem de Niágara ou de Paulo Affonso, se preocupam demasiado com as gottas d'agua, que, fugindo á vertigem da caudal que se despenha, lhes salpicam as faces, os ternos bambos de xadrez, e perturbam

**k l a x o n**

com insolencia a visão tranquilla daquelles phenomenos lamentaveis. Elles têm a opinião valiosissima de que a torrente perdeu um pouco do seu volume, com a falta daquellas gôttas... Esses homens conta-gôttas são os criticos. Para elles não ha remedio. Não ha cura. Para elles o que serve, o que vae a calhar, o que é absolutamente indispensavel, é, não ha duvida, um bom guarda-chuva...

**A. COUTO DE BARROS.**

S. Paulo, 20 — 9 1922.

“Suave Convivio” — Andrade Muricy. — Edição Anuario do Brasil. — Rio. — 1922.

Andrade Muricy reúne criticas exparsas no “Suave Convivio”. Nesta visão de conjuncto pode-se com mais nitidez observar sua personalidade de critico. Com efficacia, no conjuncto mais ou menos disparatado de figuras e idéas que observou, appareceu no “Suave Convivio” a erudição firme e larga do autor. Muita serenidade. Muito amor. Demasiado mesmo, quando se trata de observar escriptores paranaenses. Apesar disso o estudo sobre Emiliano Pernetta é a melhor cousa do livro. A lingua de que faz uso Andrade Muricy é familiar, sincera, agradável. Um bom livro.

M. de A.

Recebemos:

“La Nouvelle Revue Française”, numero de agosto, com collaboraçã de William Blake, Paul Fierens, Charles du Bos. Gil Robin, Jacques de Lacretelle. Como sempre, magnificas reflexões sobre a litteratura, por Thibaudet. Chronicas, etc.

“La vie des lettres”, revista moderna franceza, publicada sob a direcção de Nicolas Bauduin. Optimos trabalhos do Director de Max-Jacob, Fernand Divoire e Mlle. Claire Goll.

“La Criée”, numero de agosto da interessante revista marselheza. A destacar, como sempre, as collaborações de Marcel Milliet, Léon Franc, etc.

## CINEMA

**h** A certos problemas, referentes ao cinema, que aparentemente pouco nos interessam, pois não ha por aqui artistas e fábricas que se dediquem especialmente a produzir fitas de ficção. Essa desimportância porém é apenas aparente; tais problemas, quando não tenham artistas para preocupar, têm sempre público para educar e orientar.

O cinema realiza a vida no que esta apresenta de movimento e simultaneidade visual. Diferença-se pois muito do teatro em cuja base está a observação subjectiva e a palavra. O cinema é mudo; e quanto mais prescindir da palavra escrita mais se confinará ao seu papel e aos seus meios de construção artistica. Segue-se d’ahi que tanto mais cinematográfica será a obra de arte cinematografica quanto mais se livrar da palavra que é grafia imóvel. As scenas, por si, devem possuir a clareza demonstrativa da acção; e esta, por si, revelar todas as minúsculas dos caracteres e o dinamismo trágico do facto sem que o artista criador se sirva de palavras que esclareçam o espectador. A fita que além da indicação inicial das personagens, não tivesse mais dizer elucidativo nenhum, seria eminentemente artistica e, ao menos nesse sentido, uma obra-prima. É evidente tambem que um sem numero de qualidades, derivantes dessa qualidade primeira nobilitariam a obra que imagino. Conseguir-se-hia mesmo a simplicidade dentro da simultaneidade — o que daria a obra de arte cinematográfica um valor expressivo excepcional. O que falta em geral ás fitas americanas é a simplicidade de acção, vital e sugestiva, que nos eleva á grandeza serena e azul do classicismo. (Exceptuo naturalmente as fitas cómicas, especialmente as de Chaplin e de Clyde Cook. As de Lloyd tambem). O que lhes sobra é a complicação, que imprime a quasi todas um caracter vaudevillesco muito pouco ou raramente vital.

E os americanos só têm decaído a êsse respeito. As últimas fitas importantes apparecidas estão cheias de dizeres, muitas vezes pretenciosamente líricos ou cómicos. É já um vício. Quem observar com atenção qualquer fita, logo reconhecerá a inutilidade de muitos dêsses cartazes explicativos, cujo maior mal é cortar bruscamente a acção, seccionando a visão e consequentemente a sensação estética.

E não se diga que tirar a palavra escrita do cinema seja priva-lo dum meio de expressão. Primeiramente: quanto mais uma arte se conservar dentro dos meios que lhe são próprios, tanto mais se tornará pura. Além disso: tantos são os meios de expressão propriamente seus de que pouco ainda se utiliza a cinematografia!

A cinematografia é uma arte. Ninguém mais, sensato, discute isso. As empresas produtoras de fitas é que não se incomodam em produzir obras de arte, mas objectos de prazer mais ou menos discutível que atráiam o maior numero de basbaques possível.

A cinematografia é uma arte que possui muito poucas obras de arte.

G. de N.

**k l a x o n**

## LUZES & REFRACÇÕES

**a** Influencia do modernismo therathologico dos klaxistas é tão grande que já attingiu o "Estado de S. Paulo" jornal. Começaram a brotar uessas fecundissimas terras flores de estranho e variegado aspecto que contrastam beneficemente com os junquillos, as margaridas e os não-me-deixes familiares, que sempre foram tão abundantes nos desertos relvados desse popular jardim. Assim é que num artigo sobre Graham Bell, o sonoro orgão de 200 rs. relembra um dado momento do encontro de D. Pedro II com o inventor do telephonio que até então só encontrara na vida homens que eram verdadeiros telephonistas. D. Pedro, porém ligou. E o jornalista commovido exclama:

"Audacia feliz do engenheiro, iustincto divinatorio do monarcha affeito a descobrir soffrimentos subterraeos, seja o que for, o facto é que o imperador..." Estes "soffrimentos subterraneos" cheiram fortemente aos "cavallos sobrehumanos", ás mulheres torrificas de alguns collaboradores uossos. E' possivel que a redacção proteste contra o termo. E com effeito, "ste "subterraneo" é tão aereo, tão vago, que muito pouco se coadua com os epithetos officiaes do bem pensante diario. KLAXON que gosta das cousas no seu lugar, substitue pois a catleia alba por uma humilde violeta e restabelece a expressão racional, o qualificativo exacto — unico que poderia sahir de um bem pensante jardineiro das vastas e classicas aléas daquelle jardim. Assim, em vez de soffrimentos subterraeos, leia-se "soffrimentos subcutaneos". KLAXON gastará até seu ultimo saugue, em restabelecer a hora das víuvas, das creauças e dos macrobios.

\*\*\*

Duma nota do numero de Abril da Nouvelle Revue Française; "A OPERA" moutou o Martyrio de S. Sebastião, no qual collaboraram um musico de genio, Claudio Debussy, um prestigioso creador de images varbaes, Gabriel D'Annunzio, um pintor no qual a imaginação exhuberaute mas regrada se allia uma pericia infallivel, Leão Bakst, etc.". Se a noticia sahisse numa revista italiana leriamos sem duvida:... no qual collaboraram um prestigioso creador de imagens souaras Claudio Debussy, il piú gran poeta vivo del mondo, Gabriele D'Annunzio, e um pintor assai curioso, Leou Bakst. Si a noticia fosse dada por um allemão teriamos talvez maior independencia. E' curioso de observar-se a fria razão e a

sympathia humana com que os criticos allemães estudam e acolhem os artistas estrangeiros. E' que os allemães tem a curiosidade cheia de amor que faz as graudes comprehensões e as influencias efficazes. Walter von Bathenan affirmou sem covardia que os allemães não são propriamente creadores, mas que não ha talvez nenhum povo como o allemão para aprender e deseuvolver as creações alheias. Exemplo: Wagner.

Imaginemos porém a representação contada por um noticiarista indigena. E' preciso agora distinguir. Se os autores do Martyrio viessem ao Brasil, visitassem as redacções, distribuíssem convites e retratos dedicatoriados teriamos "... collaboraram o genial Debussy. D'Annunzio, o sublime, o genial poeta e o maravilhoso genio de Bakst. Os coros foram genialmente dirigidos pelo maestro X. V. e todos os demais artistas até o mais infimo corista foram geuiaes na execução da obra estupenda. Até os bilhetes foram genialmente delicados na presteza com que serviram os pretendentes de logares. A sala de espectaculo estava litteralmente cheia. O serviço de buffet e buvette... etc." Mas, se como de facto se dá, os creadores do Martyrio forem desconhecidos... é certo que os qualificativos de bestas, cabotinos e ignaros, entrariam na dança e mais a repetida historia do caso therathologico. E seria razoavel. Como qualificar os artistas que não procuraram comprehender os criticos!...

\*\*\*

Ha gente que grita contra as modas de hoje, contra o quasi nú. Terá razão? Vejamos:

Adão e Eva viviam uís no paraizo terrestre e não tinham o sentimento da vergonha. Um dia, (fôra melhor que um anjo lhes tivesse pregado as boccas com um prego deste tamanho!) comeram aquella maçã e logo, sentindo-se envergonhados, começaram a vestir-se... Os effeitos da maçã eram simples: constrangiam-os a vestir-se...

Agora, entretanto, a vergonha diminue. Os effeitos da maçã attenuaram-se, desapareceram. Nós começamos a ser como os nossos paes antes do famosissimo acontecimento. Por isso, a gente que berra contra a nudez deve ter comido outras maçãs, ás escondidas de todos. Não ha outra explicação...

\*\*\*

Por uma folha-da-noite de 25 de agosto, em letras redactoriaes o recente livro de Oswald de Andrade foi coudemnado. (Perdão!). O articulista pesquisou e achou o que grammaticalmente

# klaxon

# 16

observado seria mais ou menos uma ambiguidade. A grammatica está para o critico acima da naturalidade de expressão. E' homem que de certo raciocina assim: "Pedro matou Paulo. Foi preso... Quem foi preso Paulo que está mais proximo. E' preciso corrigir: Pedro matou Paulo. Aquelle foi preso. ." Saivou-se a grammatica. O Brasil sabe respeitar as gloriosas usanças avitas, em que com mão diurna e nocturna, os cultores do bem fallar, nos classicos antigos, a lusa linguagem, tersa e numerosa, isenta ainda da poluição dos francelhos, daquelles que, no dizer sempre isento de Candido de Figueiredo, dictionarista insigne, no dizer do nosso Ruy Barbosa, aprenderam.

Depois disso ainda o critico faz umas graças. Mas nada disso nos divertiu.

Divertidissima no artigo era a citação franceza. Citou o homem:

"La critique est facile

Mais l'art est difficile"

Até onde vae a tortura da rima. Certamente o critico da folha-da-noite é um Banville ou um novo Martins Fontes que desabrocha. Pois não chega elle ao ponto de bipartir o alexandrino só pelo prazer de intrrometer no verso de Boileau uma rima no primeiro hemistichio. E' costume que "Banville e Martins gloriosos" não descobriam. E' o que em linguagem portugueza se chamará uma "trouvaille". Mas, nós Klaxistas, guardadores convictos de muitas tradições aqui repomos para gaudio dos nossos leitores, o hemistichio no seu logar destruindo a innovação do articulista.

"La critique est aisée, et l'art est difficile".

Ah! querido critico, la critique est aussi très difficile!

\* \*

Eis um trecho de ouro do sr. Gilberto Amado, do seu recente livro "Apparencias e Realidades". Vai sem refracções. KLAXON ás vezes se compraz em mostrar unicamente a luz. E é mesmo do que mais precisa a arte no Brasil. Ao fallar sobre literatura brasileira diz o sensato ensaista:

"O que nos calharia no momento actual seria, por assim dizer, uma agitação romántica no sentido que essa expressão pudesse comportar de **exaltação febril da imaginação creadora, do desprezo ostensivo das formas consagradas, de arrancada gloriosa para o novo, o nunca dito, o interessante.** A nossa literatura está ainda toda por fazer... (o que, para KLAXON não é propriamente a verdade nua)... é evidente que não pode ser com academicismo, linguismos e bobagismos que havemos de constitui-a com a vida, isto é, com as concepções, com o calor fecundo do sentimento."

Uma refracção zinha só. Ouvimos contar que a Akademia Brasileira de Lettras, a directora do Grupo Escolar da nossa literatura, mandou o snr. Gilberto Amado para o canto, de Joelhos sobre milhos de uso quotidiano e alimentar, com a obrigação de copiar 50 vezes as-armas-e-os-barões.

\* \* \*

E' interessante observar a ignorancia dos criticos, cujos vaticinios cream ou destroem reputações. Ignorancia crassa. Ignorancia revoltante acompanhada sempre de uma impertinencia comica e de uma erudição de almanach. Então quando falam dos modernos, esses senhores de olhos prudentes e calvicies affirmativas perdem completamente o pé. Assim é que, criticando o romance de Oswaldo de Andrade, um homem muito acatado, após haver passado varias rasteiras na logica e embrulhado emphrases cabelludas um punhado de idelas contradictorias, diz que o nosso collaborador só se salva pelas qualidades das velhas escolas que ainda se percebem nelle: simultaneidade, synthese etc.!!! Que pandego!

O snr. Hermes Fontes tambem é desses. Pelo "Imparcial", uma vez, affirmou que um livro éra moderno... porque? Porque... era "boulevardier"... — Isso até parece d'ELLE... Pois não sabe o snr. Hermes Fontes que o genero "boulevardier" é velho como Victor Hugo? Hoje ninguem acredita em "boulevards", como ninguem crê, tão pouco, em symbolismo. São coisas essas que, mesmo si existissem, deveriam ser negadas.

Em musica acontece o mesmo. Has pessoas que incommodam seus vizinhos, aplaudindo ou vaiando compositores, que elles não comprehendem. Num dos ultimos concertos realizados no "Municipal", um homem comprido, de intelligencia magra, uivava bravos ridiculamente peremptorios. Ao meu lado, um amigo espirituoso perguntou-me: quem é aquelle homem bravo?

Todos esses homens teêm, no emtanto, uma razão de ser. São mesmo indispensaveis. Fazem rir. Desengorgitam o figado. São homens medicinaes e, portanto, recomendaveis como a Guarani Espumante, o Lacta Nutritivo e o Elixir de Nogueira.

# klaxon

De Mario de Andrade

# Paulicéa

## Desvairada

Em todas as  
livrarias

De Oswaldo de Andrade

# Os Condemnados

Em todas as  
livrarias

De Guilherme de Almeida

BREVEMENTE

**Natalika** edição KLAXON

**Messidor,** tradução  
francesa de Serge MILLIET

De Vin. Ragnonetti

BREVEMENTE

**Gazarra**  
**Cittadina**

